

ÁREA TEMÁTICA:

Empreendedorismo e Startups

TÍTULO DO ARTIGO:

INTERAÇÃO COM O ECOSSISTEMA LOCAL DE INOVAÇÃO E PRÁTICAS DE
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Resumo

Este estudo apresenta práticas de educação empreendedora realizadas por quatro instituições de ensino superior brasileiras. Foram examinadas iniciativas que envolveram agentes do ecossistema local de inovação para enriquecer as experiências de aprendizagem dos estudantes, articulando parceiros externos e auxiliando na geração de possíveis *startups*. A motivação do estudo foi compreender como a maturidade do ecossistema local de inovação contribui para a efetividade da educação empreendedora nas instituições analisadas. Para tal, foram realizadas análises documentais, análise de exemplos e apurado relato de experiência de docentes. Os resultados revelaram que a aprendizagem baseada em projetos e o uso do Programa Ignite são práticas de educação empreendedora adotadas pelas instituições de ensino superior e a interação com o ecossistema local potencializa a formação dos estudantes, ao colocá-los em contato com demandas contemporâneas e agentes, como incubadoras, aceleradoras, mentores e investidores. Assim, a sala de aula ganha um importante aliado para a aprendizagem significativa, baseada no mundo real. Os estudantes se envolvem na experiência de aprendizagem de modo mais encorajador, ao desenvolverem suas próprias ideias de negócio e ao receberem apoio de agentes do ecossistema. Todas estas iniciativas ampliam a preparação do estudante como futuros empreendedores e/ou intraempreendedores com potencial de gerar valor social e econômico.

Palavras-chave: educação empreendedora, *startups*, ecossistemas locais de inovação, empreendedorismo.

Abstract

This study presents entrepreneurial education practices carried out by four Brazilian higher education institutions. Initiatives that involved local innovation ecosystem agents were examined to enrich students' learning experiences by coordinating external partners and assisting in the generation of potential startups. The study's motivation was to understand how the maturity of the local innovation ecosystem contributes to the effectiveness of entrepreneurial education in the analyzed institutions. For this purpose, document analyses, analysis of examples, and detailed accounts of teachers' experiences were conducted. The results revealed that project-based learning and the use of the Ignite Program are entrepreneurial education practices adopted by higher education institutions and the interaction with the local ecosystem enhances student development by exposing them to contemporary demands and agents such as incubators, accelerators, mentors, and investors. Thus, the classroom gains an important ally for meaningful, real-world-based learning. Students engage more enthusiastically in the learning experience as they develop their own business ideas and receive support from ecosystem agents. All these initiatives broaden students' preparation as future entrepreneurs and/or intrapreneurs with the potential to generate social and economic value.

Keywords: entrepreneurial education, startups, local innovation ecosystems, entrepreneurship.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Empreendedora (EE) pode ser definida como a promoção de experiências de aprendizagem com vistas ao desenvolvimento de competências de gestão, como análise de mercado, modelagem de negócios e finanças, além de competências empreendedoras como criatividade, inovação, identificação de oportunidades, tomada de decisão e gerenciamento de riscos (Schaefer; Minello, 2016). No Brasil, como em outros países, a EE tem sido adotada como uma estratégia para incentivar a criação de novos negócios, apoiando estudantes com interesse em empreender ou incentivando outros a iniciar e/ou gerir novos negócios (Primario; Rippa; Secundo, 2024; Araújo; Davel, 2018).

A EE é particularmente relevante em um ambiente de constantes mudanças e incertezas, onde as capacidades de adaptação e inovação são cruciais para o sucesso profissional. Como destacado por Bindela et al. (2022, p.293), "aprender na era da informação passou a depender, em grande parte, da capacidade ativa e dinâmica de professores e alunos". Além disso, a EE está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza o desenvolvimento de competências socioemocionais, preparando os jovens para se tornarem futuros empreendedores (Onozato et al. 2020).

Quando o *locus* da EE ultrapassa a sala de aula, a articulação com agentes do ecossistema tem o potencial de ampliar a efetividade da aprendizagem empreendedora. Os ecossistemas de inovação como estabelecido no Decreto 9283, de 7 de fevereiro de 2018 são

espaços que agregam infraestrutura e arranjos institucionais e culturais, que atraem empreendedores e recursos financeiros, constituem lugares que potencializam o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e compreendem, entre outros, parques científicos e tecnológicos, cidades inteligentes, distritos de inovação e polos tecnológicos (Brasil, 2018).

Sendo assim, os estudantes que antes, em um modelo tradicional de ensino, tinham apenas o professor, o conteúdo e a sala de aula como recursos didáticos passam a contar com um amplo espectro de agentes, situações e eventos que propiciam a aprendizagem com vivências do mundo real, de modo mais significativo. Quando a EE envolve agentes do ecossistema de inovação em suas atividades, é possível enfrentar alguns dos desafios apontados por Onozato et al. (2020), como as deficiências nas disciplinas de empreendedorismo brasileiras, que, por serem oferecidas isoladamente, não conseguem transmitir efetivamente essa perspectiva aos estudantes. Aliado a isso, os autores também identificaram que há o despreparo dos professores para fomentar o espírito empreendedor nos estudantes e um descompasso entre o conteúdo ensinado nas salas de aula e as demandas do mercado de trabalho atual. Nesse contexto, a articulação com agentes do ecossistema de inovação pode ajudar as instituições de ensino e professores a proporcionarem ensino e aprendizagem transformadores.

Este artigo apresenta as experiências de EE de quatro instituições de ensino superior (IES) brasileiras, a saber: a Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC) de Indaiatuba e de Campinas, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus Florianópolis e a Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) - campus Itabira. Nos quatro casos foram adotados o Programa Ignite, que envolve a utilização de metodologia e plataforma educacional digital desenvolvidas para o ensino do empreendedorismo. Esta iniciativa é promovida pela Fundação Wadhvani (FW), uma instituição indiana que visa formar

empreendedores em todo o mundo. Até 2021, o programa havia sido implementado em mais de 20 países, envolvendo mais de 15 mil estudantes de ensino superior (Fundação Wadhvani, 2024). A literatura relata o uso das plataformas de EE da Fundação Wadhvani com resultados de aprendizagem em vários países, como México (Ramirez-Moreno *et al.*, 2023) e Filipinas (Acevedo-Go; Butial, 2024).

A pergunta de pesquisa que norteou este artigo foi: Quais práticas de articulação com agentes do ecossistema local de inovação podem ser utilizadas para o aumento da efetividade da educação empreendedora nas instituições de referência deste estudo? Para responder esta questão, foi adotada uma abordagem qualitativa. Assim, optou-se por descrever como as práticas de EE acontecem em cada uma das instituições de ensino superior (IES) investigadas, com ênfase nas práticas de articulação com agentes do ecossistema de inovação.

Este trabalho está organizado em sete seções, incluindo esta introdução. Na seção 2, é apresentado o referencial teórico com reflexões sobre a EE, o ecossistema de inovação e o Programa Ignite. A seção 3 aborda os procedimentos metodológicos. Na seção 4, são discutidos e apresentadas as práticas de EE articuladas com agentes do ecossistema local de inovação de cada IES de referência deste estudo. Na seção 5 são discutidos os resultados das análises. Na seção 6, são apresentadas as considerações finais e expectativas para estudos futuros. Por fim, são apresentadas as referências utilizadas neste estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Educação Empreendedora

A taxa de empreendedorismo total no Brasil, isto é, profissionais que criam ou mantêm um negócio próprio, é de 30,1% (GEM, 2023). A Pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor 2023* mostrou uma porcentagem relevante dos empreendedores que possuem ensino médio. Entre os empreendedores nascentes (menos de 3 meses de operação) 50% têm ensino médio. Entre os empreendedores classificados como novos (3 meses a 3,5 anos de operação) 46% tem ensino médio. E, entre os empreendedores estabelecidos (mais de 3,5 anos de operação) 39% têm ensino médio. A observação destes dados indicam que a educação empreendedora no ensino profissionalizante (técnico e superior) pode melhorar a taxa total brasileira de empreendedorismo, além de contribuir para a sustentabilidade dos negócios por meio da capacitação dos empreendedores.

Diante disso, a Educação Empreendedora (EE) pode ser considerada como uma estratégia de formação de novos empreendedores, contribuindo para a geração de empresas mais sólidas por terem sido utilizadas técnicas de modelagem de negócios e análises de riscos. Consoante com esta visão, organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) têm promovido a discussão sobre a EE, argumentando que ela pode estimular o desenvolvimento econômico ao fomentar a criação de novos negócios (Lima *et al.*, 2014).

Pesquisas sugerem que a EE pode desenvolver o potencial empreendedor dos indivíduos por meio de experiências de aprendizagem que os incentivem a agir de maneira empreendedora, uma vez que tais vivências permitem que os estudantes enfrentem situações desafiadoras, aprimorando suas competências empreendedoras (Lopes, 2014; Pretorius *et al.*, 2005).

Schaeffer e Minello (2016) destacam que, dada a variedade de métodos para a EE, a aprendizagem experiencial e ativa é a mais eficaz. Esse método exige que os

docentes adotem uma postura catalisadora, em vez do ensino tradicional de transmissão de conteúdo. Estratégias de aprendizagem ativa, como a aprendizagem baseada em projetos (Krajcik; Blumenfeld, 2014), permitem que os estudantes desenvolvam projetos de novos negócios por meio de interações com o mercado e atividades práticas (Campos; Pinto; Campos, 2018; Browning; Bustard, 2024). É importante considerar que, a integração da EE ao longo de toda a graduação, e não apenas em disciplinas isoladas, é fundamental para o desenvolvimento de competências empreendedoras sólidas (Campos; Pinto; Campos, 2018).

Com o objetivo de apontar os diversos fatores que influenciam a efetividade da EE, Pretorius *et al.* (2005) propuseram um modelo teórico que realça importantes aspectos, considerando que a efetividade da EE está relacionada à capacidade do facilitador de motivar os estudantes para o empreendedorismo e de ajudá-los a desenvolver tanto competências empreendedoras quanto competências de negócios, utilizando abordagens pedagógicas criativas.

O modelo destaca os seguintes aspectos:

- Motivação para o empreendedorismo: desejo de empreender e alcançar sucesso.
- Competências empreendedoras: comprometimento, liderança, identificação de oportunidades, tolerância ao risco, criatividade, persistência, adaptação e busca pela excelência.
- Competências de negócios: conhecimentos em finanças, marketing, gestão operacional, recursos humanos, questões jurídicas, comunicação, gestão e modelagem de negócios.
- Abordagem pedagógica: uso de estratégias de aprendizagem ativa, atividades em grupo, resolução de problemas, discussões, simulações e estímulo ao pensamento crítico dos estudantes.
- Capacidade do facilitador: experiência prática, atitude empreendedora, habilidade para motivar os estudantes a agirem de maneira empreendedora, abordagem multidisciplinar e prática.

Conforme esse modelo, o facilitador tem o papel de criar um ambiente de aprendizagem colaborativo e participativo, no qual os estudantes possam experimentar, cometer erros, aprender uns com os outros e iterar suas ideias empreendedoras. Nesse sentido, o facilitador deve fornecer orientação, recursos, *feedback* construtivo e oportunidades para reflexão, ajudando os estudantes a desenvolverem suas competências. Portanto, a EE é um processo complexo e multifacetado, que depende de diversos fatores para ser bem-sucedida, como descrito no modelo de Pretorius *et al.* (2005).

2.2. Ecossistemas de Inovação

A terminologia ecossistema é utilizada para evidenciar a pluralidade de atores que constituem o fenômeno, suas interações e relações, a governança entre diferentes domínios e as comunidades epistêmicas, que suportam ações empreendedoras, envolvendo políticas, mercados, recursos financiamento, tecnológicos e humanos (Andion; Alpertedt; Graeff, 2020). Ecossistemas de inovação são ambientes dinâmicos que conectam múltiplos agentes colaborativos, como empresas, universidades, governos e instituições de pesquisa, que fomentam o desenvolvimento tecnológico e a inovação, assim suplanta a criação de novos produtos, serviços ou processos, identifica carências ocultas, apresenta soluções mais efetivas e/ou eficientes, desenvolve proposta

de valor, propicia melhores métodos e técnicas produtivas, majora benefícios sustentáveis e transforma a sociedade contemplada.

A definição de ecossistema de inovação remete ao modelo da Tríplice Hélice, abordagem fundamentada na perspectiva de interações mútuas nas funções relativas à inovação, onde a universidade ou academia é a indutora das relações com as empresas (setor produtivo de bens e serviços) e com o governo (setor regulador e fomentador da atividade econômica), com o objetivo de gerar novos conhecimentos, inovação tecnológica e desenvolvimento econômico (Etzkowitz; Leydesdorff, 1995; Etzkowitz, 2003).

No Brasil, a Lei 10.973, de 2 de dezembro de 2004, regulamentada pelo Decreto nº 5.563, em 11 de outubro de 2005 (Brasil, 2005), versa sobre a inovação tecnológica, com base em três eixos: a constituição de ambiente propício a parcerias estratégicas entre universidades, institutos tecnológicos e empresas; o estímulo à participação de institutos de ciência e tecnologia no processo de inovação; e o estímulo à inovação nas empresas. Desta forma, o Ecossistema de Inovação se faz presente nos debates públicos, pois sua relevância econômica proporciona o empoderamento dos agentes para promover mudanças positivas para a sociedade (Von Jacobi *et al.*, 2024).

De acordo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2023), os ecossistemas de inovação são estruturas que facilitam o fluxo de conhecimento para a inovação, caracterizados por uma forte interação entre os atores, uma infraestrutura de apoio robusta e um ambiente regulatório favorável às mudanças nas motivações multifacetadas de atores em rede, alta receptividade ao *feedback* e transformações estruturais persistentes, induzidas tanto endogenamente quanto exogenamente (Russell; Smorodinskaya, 2018).

Esse ambiente colaborativo e estruturado facilita a transferência de conhecimento, estimula a criatividade, promove a competitividade, acelera o desenvolvimento de soluções e o crescimento próspero e sustentável em uma economia global cada vez mais baseada no conhecimento e na inovação.

2.3. Programa Ignite

O Programa Ignite foi criado e é fomentado pela Fundação Wadhvani (FW), uma instituição indiana com o objetivo de contribuir para a formação de empreendedores ao redor do mundo e conseqüentemente gerar renda.

O Programa Ignite visa a capacitação de empreendedores potenciais, com a utilização de materiais teóricos, plataforma digital e experiências práticas que guiam os estudantes por uma jornada estruturada desde a ideação até a execução de um projeto. Dividido em 14 etapas (Figura 1), possibilitando a capacitação de estudantes, com a utilização de materiais que auxiliam no desenvolvimento de uma ideia de negócio. O programa é gratuito e oferecido em componentes curriculares que possuem foco no empreendedorismo em instituições de ensino.

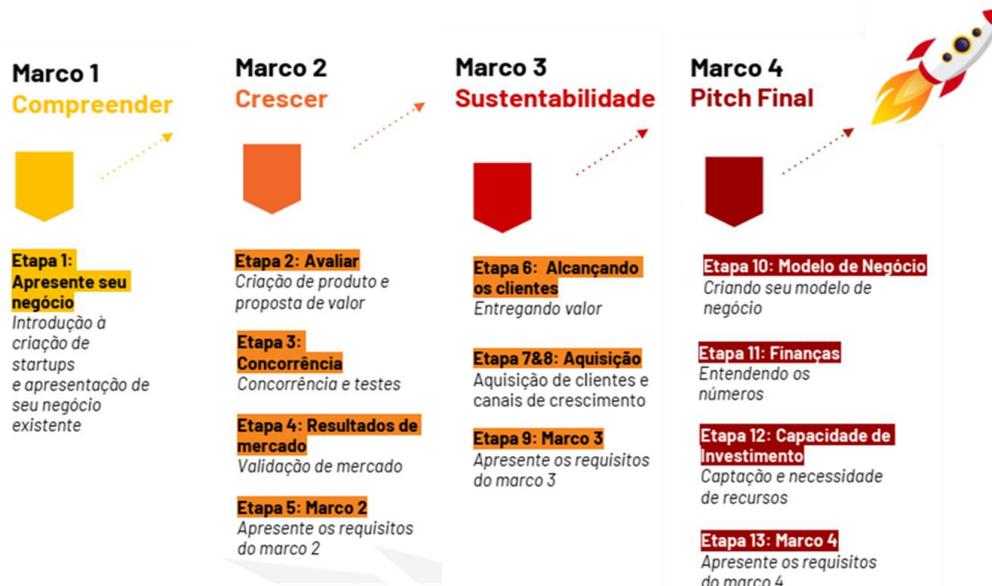


Figura 1 – Etapas do Programa Ignite.

Fonte: Fundação Whadwani (2024).

Este programa desenvolve os estudantes com habilidades para elaborar uma proposta de valor atraente, estabelecer um modelo de negócios sustentável, alcançar estabilidade financeira e desenvolver um produto com potencial comercial (Fundação Wadhvani, 2024). Com o suporte dos professores mentores, os estudantes recebem orientações para enfrentar desafios comuns no início do empreendimento para garantir a sustentabilidade do negócio.

Os participantes do programa tem acesso completo a uma plataforma online, que possui: biblioteca virtual, painel de negócios da turma, chat com os facilitadores e membros da turma, instruções sobre os tópicos a serem avaliados, templates de submissão dos trabalhos com o modelo de cada *pitch deck* a ser enviado, resultados das avaliações e *feedbacks*, além de um calendário virtual com possibilidade de agendamento de reuniões remotas. O Programa Ignite oferece a todos os estudantes que concluem satisfatoriamente o programa uma certificação global.

O acesso à plataforma online, por estudantes e facilitadores, pode ser realizado com o uso de computadores e tablets, além de celulares, uma vez que também é oferecida uma versão por aplicativo, denominada “Wadhvani NEN”. Os projetos com potencial de continuação são convidados a participar de um programa mais avançado chamado Elevate. O Programa Elevate visa fortalecer a jornada empreendedora, através de mentorias personalizadas, para aprimorar o desenvolvimento do projeto, bem como a comunicação dos negócios com o mercado, a fim de proporcionar visibilidade e torná-los atrativos para possíveis investidores.

3. METODOLOGIA

O propósito deste estudo foi verificar as práticas de EE de quatro IES brasileiras, por meio do Programa Ignite - metodologia e plataforma educacional digital - e articulação com agentes do ecossistema local de inovação, com vista ao aumento da efetividade da educação empreendedora.

O estudo exploratório (Gil, 2012), fundamenta-se em relato de experiência (RE) e análise de exemplos (AE). Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), o RE é um tipo de

produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica que é descrita de modo crítico-reflexivo. Para Selltiz, Wrightsman, Cook (1987) quando a imersão na literatura indica que o tema ainda foi pouco estudado, o relato de experiência (RE) e a análise de exemplos (AE) precedentes tjuornam-se essenciais para proporcionar uma compreensão mais adequada do fenômeno.

As análises da literatura, do Programa Ignite e das informações disponibilizadas pelos parques, polos e instituições científicas, tecnológicas e inovadoras serviram para reunir dados, evidências, conjecturas e indicadores para sustentar as argumentações e correlações existentes com vista ao objetivo de estudo. No entanto, usando como base a orientação de Selltiz, Wrightsman, Cook (1987), quando a imersão na literatura e a compilação dos dados da plataforma e demais mídias são insuficientes para descrever como a articulação com agentes do ecossistema local de inovação podem ser utilizadas para o aumento da efetividade da educação empreendedora nas instituições de referência deste estudo, inclui-se ao estudo os relatos das experiências de professores de quatro IES que aplicam o Programa Ignite e foram premiados pelo 'Excelência Ignite'. Os quatro docentes foram premiados devido às notas atribuídas pelo *Global Jury*, em dezembro de 2023, aos projetos orientados.

Segundo Selltiz, Wrightsman, Cook (1987), a AE e a realização de *surveys* de experiências se justificam metodologicamente por considerar situações que não são típicas, embora possam ser fontes produtivas de ideias aos demais processos. Os autores alertam que o AE, advindos do RE, pode analisar apenas um ou mais casos de 'registros existentes', 'observação participante' e os indivíduos podem ser tratados como informantes a respeito do objeto, e não como objetos de análise, ou alguma outra abordagem, diferenciando-se, assim, do Estudo de Caso que seria uma análise profunda e exaustiva de múltiplas fontes.

O levantamento de campo aferiu dados qualitativos sobre a prática docente dos referidos professores e articulação de cada uma das IES investigadas com os agentes do ecossistema local de inovação. Para o compartilhamento dos dados de interesse, os professores realizaram reuniões para planejamento do estudo e para a organização dos dados. Na próxima seção, são apresentadas as informações sobre as iniciativas relatadas e sobre os resultados obtidos.

4. As IES e os ecossistemas locais de inovação

4.1 Ecossistema de Inovação da Região Metropolitana de Campinas (RMC)

O ecossistema de inovação da Região Metropolitana de Campinas (RMC) é organizado pela Fundação Fórum Campinas Inovadora (FFCi), "entidade que reúne a representação de todas as Instituições de Ciência e Tecnologia de maior relevância da região de Campinas, além das principais associações empresariais e órgãos governamentais, que têm atuação ou influência direta no ecossistema de inovação da região" (FFCi, 2024).

Dentre essas instituições, destacam-se a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), reconhecida como a universidade mais empreendedora do país no Ranking Universidades Empreendedoras (Universidades Empreendedoras, 2023), a PUC-Campinas, nove FATECs - Faculdades Tecnológicas, e dezoitos ETECs - Escolas Técnicas Estaduais, dentre outras instituições de ensino. Integram o ecossistema, Parques Tecnológicos, como o Parque Científico e Tecnológico da Unicamp, o Instituto Eldorado, Polis da Tecnologia, CTI-TEC, Techno-Park Campinas e IMA Informática de Municípios Integrados, que reúnem ambientes e mecanismos estruturais, políticos e

relacionais para fomentar conexão entre os setores envolvidos, favorecendo a promoção e o desenvolvimento de produtos, serviços e processos inovadores. Ainda, há a INCAMP e o Mescla que são incubadoras de empresas de base tecnológica que oferecem assessoria aos empreendedores tanto no desenvolvimento de um novo negócio, *networking*, quanto no processo de ideação e validação de um novo produto, além de infraestrutura de salas de escritório e laboratórios para a ocupação temporária de empresas nascentes. O ecossistema conta também com aceleradoras, como a Baita e a Ventura Hub, que fornecem recursos, consultoria e metodologia, bem como investimento para implementar soluções e facilitar novas oportunidades.

4.1.1. Práticas de Educação Empreendedora - PUC-Campinas

Na PUC-Campinas, o Programa Ignite é desenvolvido no componente curricular Liga Acadêmica de Empreendedorismo para Startups (36 horas/aula - 2 horas/aula semanais, com atividades de extensão), o qual é optativo para os cursos de Administração, Comércio Exterior e Marketing e Inovação envolvendo 60 estudantes semestralmente.

A Faculdade de Administração disponibiliza 6 Ligas Acadêmicas para os alunos Empreendedorismo para *Startups* (EPS), Environmental, Social e Governance (ESG), Mercado Financeiro e de Capitais (MFC), Mentorias para Empreendedorismo (MPE), Negócios de Impacto Socioambiental (NIS) e Recursos Hídricos (REH). Os alunos devem cursar 2 dessas Ligas, selecionando as que mais estão relacionadas com os seus interesses pessoais e profissionais.

As Ligas na PUC-Campinas são grupos de estudos e extensão que organizam atividades de pesquisas, prestação de serviços às comunidades, produção de materiais informativos e/ou instrucionais, cursos, oficinas ou ciclos de debates e a organização de eventos externos de interesse da sociedade. Esses grupos expressam os temas de referência dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS - ONU) que, por sua vez, estão descritos no Projeto Pedagógico dos cursos de graduação em Administração e alinhados com as Diretrizes para a Extensão da Educação Superior Brasileira.

Os estudantes que participam da Liga de Empreendedorismo para *Startups* têm interesse em empreender, o que possibilita a geração de empreendimentos reais. Outros, possuem o objetivo de atuar como Mentores de *startups*.

Desde o início da participação das turmas nesta comunidade empreendedora, foram alcançadas importantes realizações. Algumas equipes resultantes deste trabalho participaram do Programa Elevate da FW. Outras foram enviadas para o Motiv.se que é uma mostra de inovação da PUC-Campinas, e posteriormente para o CRIA da PUC-Campinas que é um programa de aceleração de *startups* com ênfase em negócios inovadores e de impacto para a sociedade. Adicionalmente, a docente desta instituição recebeu o reconhecimento no “Programa Excelência Ignite” e figurou entre os “Top Five” por dois semestres consecutivos.

4.1.2. Práticas de Educação Empreendedora - FATEC - Indaiatuba e Campinas

Nas FATECs Indaiatuba e Campinas, o Programa Ignite é parte dos componentes curriculares Projeto Integrador (40 horas/aulas - 2 horas/aula semanais) e Gestão da Inovação (80 horas/aulas - 4 horas/aula semanais), disciplinas obrigatórias dos cursos tecnológicos em Comércio Exterior e em Gestão Empresarial respectivamente, que somam em média 150 estudantes matriculados semestralmente. Além do Programa Ignite, os estudantes desses cursos participam da Escola de

Inovadores, que é um curso de extensão gratuito, que auxilia o desenvolvimento de um esboço de um modelo de negócio, por meio de 7 aulas síncronas e uma plataforma digital que disponibiliza os conteúdos.

A Escola de Inovadores é uma das ações do InovaCPS - Assessoria de Inovação Tecnológica, Núcleo de Inovação Tecnológica do Centro Paula Souza (CPS), que tem como missão “promover políticas de inovação e coordenar ações dirigidas ao desenvolvimento de parcerias com as empresas, com o setor público e com as instituições de ciência e tecnologia” (InovaCPS, 2024), para o desenvolvimento de ações de ensino voltado à pesquisa, tecnologia e inovação, com vista ao desenvolvimento social e econômico do estado de São Paulo.

Ao término das disciplinas, os estudantes são motivados a inscreverem seus projetos para participar de um balcão de mentoria e aqueles que se destacam são selecionados para a Vitrine InovaCPS. Os 50 projetos selecionados, recebem mentorias com vista a melhor prepará-los para mostrar ao mercado as propostas de empreendimento desses projetos e fazê-los se desenvolver e prosperar. Após conclusão da etapa Vitrine InovaCPS, são selecionados 10 projetos para a Acelera InovaCPS, que recebem mentorias mais intensas visando o potencial mercadológico desses projetos. Neste processo, no final de 2023 três projetos desenvolvidos nas disciplinas foram selecionados e participaram do Vitrine Inova CPS no primeiro semestre de 2024 e mais três projetos participaram do balcão de mentorias em junho de 2023 e participarão da preparação do Vitrine InovaCPS no segundo semestre de 2024.

Desde 2022, outros projetos também foram destaque no Programa Ignite e convidados a participar do Programa Elevate da FW. Além destas mentorias dedicadas, em 2023, os projetos foram inscritos em Competições Estudantis e obtiveram posições de destaque como o 2º lugar na Olimpíada de Empreendedorismo Universitário (2023) e ser convidado para exposição na 15ª. FETEPS - Feira Tecnológica do Centro Paula Souza, que acontecerá em agosto de 2024, na São Paulo Expo, e em 2024, um projeto foi classificado no Desafio Liga Jovem do Sebrae, dentre os 6 melhores projetos e pitches apresentados no Estado de São Paulo, categoria ensino superior, e está se preparando para as próximas etapas da competição.

O reconhecimento “Excelência Ignite” foi conferido à docente que aplica o programa em Dezembro de 2023 e em Julho de 2024, configurando como “Top Five” nos dois últimos 2 semestres.

4.2 Ecossistema de Inovação da Grande Florianópolis

A Grande Florianópolis destaca-se pela alta concentração de atores ligados à ciência, tecnologia e inovação. Esse reconhecido ecossistema de inovação conta com uma mão de obra altamente qualificada, devido à presença de diferentes IES de excelência e habitats de inovação que absorvem essa mão de obra, como: dois parques científicos, tecnológicos e de inovação entre os melhores do Brasil, duas das principais incubadoras brasileiras, pré-incubadoras, ambientes maker e aceleradoras, além de diversos atores de governo. Além disso, destaca-se pela alta densidade de *startups* e de empreendedores no setor de tecnologia.

Outro fator importante que pode ser identificado na região é a chamada tríplice hélice entre o governo, as empresas e as instituições de ensino, sendo que estas últimas possuem uma grande parcela de participação nesse contexto tecnológico, pois formam profissionais de alto nível em diferentes áreas ligadas à economia criativa e à inovação. Já o setor empresarial atua de forma muito ativa no desenvolvimento desse ecossistema inovador e, ao mesmo tempo, gera tributos municipais relevantes. O governo, em

contrapartida, é responsável por trazer incentivos de políticas públicas para o setor, com mecanismos de apoio ao empreendedor, como por exemplo a Rede de Inovação Florianópolis, criada, em 2018, para promover o empreendedorismo tecnológico na capital catarinense.

Em 2023, Florianópolis foi reconhecida com o prêmio organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), de melhor ecossistema de inovação de grande porte no país.

4.2.1 Práticas de Educação Empreendedora - IFSC Câmpus Florianópolis

As práticas de EE no IFSC Câmpus Florianópolis ocorrem na disciplina de Empreendedorismo, que é obrigatória nos cursos de Engenharia Eletrônica e Engenharia Mecatrônica, e optativa no curso de Engenharia Elétrica. A carga horária total desse componente curricular é de 40 horas/aula, com 2 horas/aula semanais. Semestralmente são disponibilizadas 20 vagas na turma.

A partir da visão de EE, buscou-se uma forma de incrementar e agilizar o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo, para que o semestre letivo pudesse ser melhor aproveitado e os resultados otimizados. Assim, optou-se pela adoção do Programa Ignite, onde suas 14 etapas puderam ser distribuídas em 14 aulas semanais. Dentre as 6 aulas restantes, 5 foram utilizadas no início do semestre para a introdução sobre o conteúdo a ser estudado, ficando a última aula do semestre, reservada para ajustes, consultas e debates. Portanto, o fato do programa ter este formato, facilita a sua aplicação dentro de um componente curricular semestral, pois suas etapas podem ser bem ajustadas dentro do calendário acadêmico institucional.

Após a introdução ao conteúdo de Empreendedorismo, os estudantes foram estimulados a dividirem-se em 5 grupos com 4 estudantes cada um. Nos encontros seguintes, eles foram desenvolvendo suas ideias ou propostas de negócio, com o objetivo final de criar um modelo de negócio para cada proposta apresentada.

De acordo com a metodologia do programa, as empresas organizadas dentro das turmas deveriam seguir passo a passo as etapas definidas pelo Programa Ignite, respeitando os prazos para acesso aos materiais da biblioteca virtual e envio dos marcos (entregas programadas).

Nas datas estipuladas para o envio do *pitch deck* referente a cada marco, também foi realizada uma apresentação presencial no laboratório, possibilitando uma troca de experiências e informações entre os grupos de estudantes. Eles também foram estimulados a conferir o resultado das avaliações de suas entregas, observando e corrigindo o *pitch deck*, a partir do *feedback* dos facilitadores do programa.

Na apresentação final do marco 4, estavam presentes representantes da recém-criada Incubintech, pré-incubadora do IFSC Câmpus Florianópolis, além de dois membros da Fundação Wadhvani, que puderam acompanhar por videoconferência o desfecho desta entrega final.

O reconhecimento “Excelência Ignite” foi conferido ao docente que aplica o programa, no mês de dezembro de 2023, configurando como “Top Five” no último semestre de 2023.

4.3 Ecossistema de Inovação de Itabira - MG

A IES sob análise é a Universidade Federal de Itajubá, que ocupa o terceiro lugar no Ranking Universidades Empreendedoras da Confederação Brasileira de

Empresas Juniores (Brasil Júnior, 2023). Este caso se deu no campus fora de sede, localizado na cidade de Itabira, Minas Gerais, cidade conhecida por sua ligação com a indústria mineradora, sendo historicamente uma importante produtora de minério de ferro. Itabira faz parte da região central de Minas Gerais e está localizada a aproximadamente 110 quilômetros da capital do estado, Belo Horizonte.

Para classificar o ecossistema de inovação de Itabira foi utilizado o relatório de maturidade do ecossistema de inovação da Fundação CERTI, contratado pelo Sebrae em 2022. A metodologia classifica os ecossistemas de inovação com base em diversos aspectos, como ambientes de inovação, programas e ações, instituições de ciência, tecnologia e inovação (ICTI), políticas públicas, capital e governança.

Nesta análise foi identificada a existência de IES privadas, além da Unifei e a implementação de um habitat de inovação na Universidade Federal de Itajubá - Unifei Campus Itabira, que conta com um *coworking*, um espaço *maker*, duas incubadoras e um centro de empreendedorismo. Assim, o ecossistema itabirano foi classificado com “em estruturação” uma vez que há ambientes de inovação em implantação, como incubadora, espaço *maker*, *coworking* e centro de empreendedorismo. Contudo, foi identificado que estes atores ainda apresentam baixa integração entre si. Em termos de geração de *startups* de tecnologia, há três empresas nos setores *fintech* e *software as a service* (SAAS) para gestão de postos de combustíveis.

4.3.1 Práticas de Educação Empreendedora Unifei-Itabira - MG

As práticas de EE na Unifei-Itabira acontecem no componente curricular Gestão Empreendedora e Financeira que é obrigatória nos cursos de Engenharia Elétrica e Engenharia de Saúde e Segurança e no componente curricular Empreendedorismo, obrigatória para o curso de Engenharia da Produção. A carga horária das disciplinas é 32 horas/aula - 2 horas/aula semanais (Empreendedorismo) e 48 horas/aula - 3 horas/aula semanais (Gestão Empreendedora e Financeira). Anualmente são matriculados 60 estudantes nestas disciplinas.

O objetivo principal das disciplinas é desenvolver ideias de negócios na área de conhecimento dos estudantes. A jornada do Programa Ignite é utilizada na íntegra em 16 semanas letivas. A cada marco da jornada os estudantes fazem a apresentação dos resultados de cada etapa, recebendo *feedback* imediato sobre o conteúdo, o *design* e a performance das apresentações.

As interações com o ecossistema local de inovação, nas turmas de 2021 e 2022 foram estabelecidas com empresas locais que atuaram como catalisadores na geração de ideias de negócios. Por meio de encontros com gestores das empresas parceiras, dos ramos da saúde e cooperativa de crédito, os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver ideias de negócios a partir de demandas destas empresas. Além disso, durante o desenvolvimento das ideias, os estudantes tiveram acesso a profissionais das empresas por meio de reuniões de trabalho e bancas de avaliação dos projetos.

Outra forma de interação com agentes do ecossistema local de inovação, foi por meio da participação de eventos promovidos por outros agentes do ecossistema, tais como Sebrae e Coletivo de Empreendedorismo Cardume. Nos anos de 2022 e 2023, estudantes das disciplinas de empreendedorismo participaram de eventos, tais como Startup Weekend, Boot Camp Sebrae e Startup Day.

À docente foi conferido o reconhecimento “Excelência Ignite” em dezembro de 2023, configurando como “Top Five” no último semestre de 2023.

5. DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir das práticas de EE relatadas, nos casos sob análise, é importante realçar as oportunidades de interação com os ecossistemas locais pesquisados. Os casos 1, 2 e 3 estão situados em ecossistemas com alto grau de maturidade já reconhecidos pela literatura e por *rankings* do setor. É possível perceber que no ecossistema de inovação da Região Metropolitana de Campinas (RMC) há intensa colaboração entre diversas instituições. Vale destacar que a governança deste ecossistema é garantida pela Fundação Fórum Campinas Inovadora (FFCi) que articula atores locais e gerencia os resultados do ecossistema. Este ecossistema inclui instituições de ciência e tecnologia de alta relevância, como a Unicamp e a PUC-Campinas, além de várias FATECs e ETECs. Estes estabelecimentos de ensino superior, combinados com parques tecnológicos e incubadoras, criam um ambiente robusto para o surgimento de produtos, serviços e processos inovadores. A presença de aceleradoras adiciona uma camada de apoio crucial, oferecendo recursos e consultoria que ajudam *startups* a escalar e se estabelecer no mercado.

A maturidade do ecossistema da RMC pode ser percebido pelas oportunidades de interação que os estudantes tiveram para a criar empreendimentos reais indicados para a aceleração no CRIA, um programa da PUC-Campinas em parceria com a Venture Hub, além da aceleração por meio das mentorias no Programa Elevate da FW. Este ambiente educativo não apenas estimula a criação de *startups*, mas também prepara os estudantes para atuarem como mentores, desenvolvendo habilidades essenciais para o ecossistema empreendedor.

Ainda no que se refere ao ecossistema da RMC, as FATECs de Indaiatuba e Campinas incorporam o Programa Ignite em seus componentes curriculares, enfatizando a gestão da inovação e a integração interdisciplinar. Assim, os estudantes participam de projetos que são apresentados na Vitrine InovaCPS, recebendo mentorias que aprimoram suas propostas de negócio. A participação em competições como a Olimpíada de Empreendedorismo Universitário, Desafio Liga Jovem do Sebrae e a FETEPS - Feira Tecnológica do Centro Paula Souza são exemplos de um currículo voltado para a vivência prática da concorrência mercadológica. Estas iniciativas promovem a inserção de novos empreendimentos no mercado, contribuindo para o crescimento econômico e tecnológico da região.

Quando se considera o ecossistema de inovação da Grande Florianópolis, é importante ressaltar a alta concentração de agentes ligados à ciência, tecnologia e inovação. Este ecossistema beneficia-se de uma força de trabalho altamente qualificada, graças à presença de várias instituições de ensino superior e habitats de inovação, como parques tecnológicos e incubadoras. Neste ecossistema, a Rede de Inovação Florianópolis, criada para promover o empreendedorismo tecnológico, é um exemplo de como políticas públicas podem incentivar o desenvolvimento de *startups* e outras iniciativas inovadoras.

Por fim, quando considera-se o ecossistema de inovação de Itabira, centrado na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), tem-se um exemplo de uma cidade com uma forte base industrial iniciando algumas estratégias para diversificar a economia e inovar. A UNIFEI, por meio de seu campus em Itabira, tem buscado articulações locais e investimentos para criar um habitat de inovação que inclui *coworking*, espaço *maker* e incubadoras no intuito de fortalecer a atividade empreendedora local. Neste caso, tem-se um ecossistema em fase de estruturação. Comparativamente, neste cenário há menos incentivos ao empreendedorismo uma vez que mecanismos essenciais para apoio à jornada empreendedora são inexistentes. A interação dos estudantes com empresas locais e eventos promovidos por entidades como o Sebrae-MG são as

alternativas para fortalecer a conexão entre o ensino acadêmico e as demandas do mercado. Tais iniciativas facilitam a formação de empreendedores e a geração de novas oportunidades econômicas para a região.

Apesar das diferenças de maturidade dos ecossistemas analisados, os resultados de aprendizagem do Programa Ignite foram oportunizados aos estudantes das IES analisadas. A oferta do programa em diferentes contextos democratiza a EE e permite que, mesmo em cenários de baixa atividade inovadora haja a formação de profissionais preparados para os desafios da jornada empreendedora. Por meio do programa, os indivíduos tiveram a oportunidade de compreender as estruturas de inicialização de negócios, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma mentalidade voltada para o crescimento contínuo e a inovação. O programa também enfatiza a importância da gestão eficiente de recursos e a adequação do produto ao mercado, fatores essenciais para a sustentabilidade e o sucesso prolongado das iniciativas empreendedoras. Assim, nas quatro instituições analisadas, os estudantes tiveram a oportunidade de adquirirem competências fundamentais para o êxito no ambiente empresarial contemporâneo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos casos de práticas de EE em diferentes regiões revela a importância dos ecossistemas locais de inovação na promoção do empreendedorismo e na criação de ambientes propícios ao desenvolvimento de novas tecnologias e/ou negócios inovadores. Os ecossistemas da Região Metropolitana de Campinas (RMC) e da Grande Florianópolis caracterizados pela alta densidade de *startups* e pela presença de instituições de ensino e habitats de inovação de excelência, promovem o aumento de oportunidades para que as práticas de EE sejam apoiadas e complementadas por diferentes iniciativas dentro e fora das IES analisadas. Nestas localidades, é possível perceber os resultados da tríplice hélice entre governo, empresas e instituições de ensino criando um ambiente dinâmico e colaborativo que favorece a EE.

Em contraste, em um espectro de maturidade inferior, o ecossistema de inovação de Itabira, centrado na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), apresenta as características de um ecossistema em fase de estruturação. As iniciativas recentes de criação de habitats de inovação, como *coworking*, espaço *maker* e incubadoras, são passos importantes para diversificar a economia local, tradicionalmente baseada na indústria mineradora. A interação dos estudantes com empresas locais e a participação em eventos promovidos por entidades como o Sebrae-MG foram as alternativas utilizadas para a conexão entre o ensino acadêmico e as necessidades do mercado.

Em conclusão, apesar das diferentes maturidades dos ecossistemas de inovação analisados, o Programa Ignite demonstrou ser uma ferramenta eficaz na democratização da EE. Ao ser oferecido em diversos contextos, o programa capacita estudantes a compreender as estruturas de inicialização de negócios, a desenvolver uma mentalidade de crescimento e inovação, bem como de administrar recursos de forma sustentável.

Como proposta de estudos futuros pretende-se realizar uma investigação mais aprofundada dos impactos do Programa Ignite nas instituições analisadas. É pretendido identificar os efeitos e repercussões do programa em termos de motivação dos estudantes para o empreendedorismo e a sustentabilidade dos negócios gerados a partir das práticas destas IES. Estas análises poderão complementar o estudo ora apresentado, com uma perspectiva mais quantitativa e analítica.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO-GO, Pamela; BUTIAL, Amelia. Watch-Think-Do pedagogy: Empowering students to thrive in entrepreneurship. **International Journal of Research**, v. 13, n. 2, p. 143-158, 2024.
- ANDION, Carolina; ALPERSTEDT, Graziela Dias; GRAEFF, Júlia Furlanetto. Ecosistema de inovação social, sustentabilidade e experimentação democrática: um estudo em Florianópolis. **Revista de Administração Pública**, v. 54, p. 181-200, 2020.
- ARAÚJO, Gracyanne Freire de; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Educação empreendedora, experiência e John Dewey. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 4, p. 1-16, 2018.
- BINDELA, Elda Maria Ferreira; JACOMELLI, Milleni Kelly; MAIA, Maria Suely Deganutti. Ferramentas Tecnológicas como Fomentadoras do Processo de Ensino-Aprendizagem nos Alunos do Ensino Médio. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 4, p. 292- 304, 2022.BRASIL, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 5.563, de 11 de outubro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.973, de 02 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 out. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5563.htm. Acesso em: 06/07/2024.
- BRASIL JUNIOR. **Ranking Universidades Empreendedoras**, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1V_WjFuZRhc0-9LBvNC_oLVcXt7gOf-OU Acesso em: 01 ago. 2024.
- BROWNING, Jonathan W.; BUSTARD, John. A Systematic Literature Review of Entrepreneurial Education in Electrical, Electronic, and Computer Engineering Curricula. **IEEE Access**, 2024.
- CAMPOS, Lílian Barros Pereira; PINTO, Janaína Antonino; CAMPOS, Roger Júnio. Entrepreneurial and Engineering Education - a twofer proposal. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON PROJECT APPROACHES IN ENGINEERING EDUCATION (PAEE), 11., ACTIVE LEARNING IN ENGINEERING EDUCATION WORKSHOP, 15., 2018, Brasília. **Anais [...]** Brasília: PAEE/ALE, 2018, p.248-259.
- ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. The Triple Helix - University-Industry-Government Relations: A Laboratory for Knowledge Based Economic Development. **EASST Review**, v. 14, n. 1, p. 14-19, 1995.
- ETZKOWITZ, Henry. Innovation in Innovation: The Triple Helix of University-Industry-Government Relations. **Studies of Science. Social Science Information**, SAGE Publications, v. 42, n. 3, p. 293-337, 2003.
- FFCi. **Fundação Fórum Campinas inovadora**. Disponível em: <https://www.forumcampinas.org.br/sobre>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- FUNDAÇÃO WADHWANI. **Guia Programa Ignite - 2024**. Disponível na Plataforma do Programa *Ignite*. Acesso em: 02 mai. 2024.
- GEM: **Empreendedorismo no Brasil 2023**. Relatório Executivo. Global Entrepreneurship Monitor (GEM). 2023.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- INOVACPS. **Sobre a InovaCPS**. Disponível em: <https://inova.cps.sp.gov.br/sobre-a-inovacps/> Acesso em 31 jul. 2024
- KRAJCIK, Joseph. S.; BLUMENFELD, Phillis. C. Problem-Based Learning. In: **The Cambridge Handbook of The Learning Sciences**. Cambridge: Cambridge University

Press, 2006.

LIMA, Edmilson, NASSIF, Vânia Maria Jorge, LOPES, Rose Mary Almeida, SILVA, Dirceu. Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. **Caderno de pesquisa**, n. 2014- 03. São Paulo: Grupo APOE, 2014. Disponível em: <https://11nq.com/dpJtp>. Acesso em 10 maio 2024.

LOPES, Cristina Lúcia Janine. Educação Empreendedora: Um estudo do Projeto Empreendedorismo 10.0 aplicado aos alunos do Curso Técnico em Informática. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 39-44, 2014.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OECD (2023), The Public Governance of Anticipatory Innovation Ecosystems in Latvia: Exploring Applications in Key Sectors, **OECD Public Governance Reviews**, OECD Publishing, Paris. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/the-public-governance-of-anticipatory-innovation-ecosystems-in-latvia_83170d2e-en.html. Acesso em 24 jul. 2024.

ONozato, Erika; Bastos Junior, Paulo Alberto; Greco, Simara Maria de Souza Silveira; Souza, Vinicius Lorangeiras. **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil: 2019**. Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2020. 200 p. : il. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empeendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf> Acesso em: 5 maio 2024.

PRETORIUS, Marius; NIEMAN, Gideon; VUUREN, Jurie van. Critical evaluation of two models for entrepreneurial education: An improved model through integration. **International Journal of Educational Management**, v. 19, n. 5, p. 413–427, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/09513540510607743>. Acesso em: 2 maio 2024.

PRIMARIO, Simonetta; RIPPA, Pierluigi; SECUNDO, Giustina. Rethinking Entrepreneurial Education: The Role of Digital Technologies in Assessing Entrepreneurial Self-Efficacy and Intentions of STEM Students. **IEEE Transactions on Engineering Management**, vol. 71, p. 2829-2842, 2024.

RAMIREZ-MORENO, Hilario; AGUIRRE-OROZCO, Mario Abelardo; DELGADO-MARTINEZ, Martha Lilia; HERNÁNDEZ CASTILLO, Martha Lucía. Determination of the inclusion of the entrepreneurship program as an optional subject TecNM Campus Chihuahua. **Revista de Docencia e Investigación Educativa: Journal of Teaching and Educational Research**, v. 9, n. 23, p. 23-33, 2023.

RUSSELL, Martha;. SMORODINSKAYA, Nataliya. Leveraging complexity for ecosystemic innovation. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 136, p. 114-131. 2018.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stuart Welford. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.

VON JACOBI, Nadia; CHIAPPERO-MARTINETTI, Enrica; MAESTRIPIERI, Lara; GIROLETTI, Toa. Creating social value by empowering people: a social innovation perspective. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 95, n. 2, p. 413-439, 2024.